

PRAÇAS PÚBLICAS DE NOVA LUZITÂNIA-SP E SEUS ELEMENTOS TOPOFÍLICOS E TOPOFÓBICOS

Public Squares in Nova Luzitânia-SP and its Topophilic and Topophobic Elements

Luiz Felipe Bedore Lima¹
Ana Paula do Nascimento Lamano Ferreira²

Resumo

Nas cidades, a implantação e a manutenção de praças públicas arborizadas e de outras áreas verdes, como parques e jardins públicos, é um artifício utilizado para amenizar os problemas ambientais urbanos. É importante conhecer a percepção ambiental da população sobre esses locais, pois ela pode ser considerada uma arma para proteger o ambiente natural e uma ferramenta para reaproximar o homem da natureza, garantindo um futuro com mais qualidade de vida para todos. Com isso o objetivo deste trabalho foi entender a percepção ambiental dos moradores do entorno e/ou frequentadores das praças de Nova Luzitânia, levando em consideração como classificam as praças e quais elementos presentes desencadeiam sentimentos agradáveis ou de aversão. Foi entrevistado um total de 120 pessoas que, na maioria dos casos, demonstram sentimentos topofílicos e topofóbicos semelhantes ao descrever os locais, além de as considerarem como locais importantíssimos para o convívio social. Conclui-se que são necessárias adequações nas praças para extinguir a topofobia, o que pode ser feito por meio de uma elaboração de política séria de planejamento que vise o gerenciamento e a manutenção das praças públicas.

Palavras-chave: praças públicas, percepção ambiental, planejamento urbano.

Abstract

In cities, deployment and maintenance of public squares and other green areas such as parks and public gardens is a device used to mitigate urban environmental problems. It is important to understand the environmental perception of the population about these places because it can be considered a way to protect the natural environment and a tool for interaction between man and nature, guaranteeing a future with better quality of life for everyone. Thus, the aim of this study was to understand the perception of the surrounding residents and/or visitors of the squares of Nova Luzitânia, how they rank the squares and which elements trigger feelings of pleasure or aversion. 120 people were interviewed who, in most cases, demonstrate similar topophilic and topophobic feelings when describing the spaces as well as consider them very important for the local social life. It is concluded that space adjustments are needed to

¹ Possui Graduação em Biologia pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE, Brasil. E-mail: jacktoru@hotmail.com

² Possui Doutorado em Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo - USP, Brasil. Mestrado em Ecologia Aplicada pela mesma universidade. Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, Brasil. Docente da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, Brasil, no Departamento de Ciências Biológicas e no Programa de Pós-graduação em Administração. E-mail: apbnasci@yahoo.com.br

extinguish the topophobia and that this can be done through a serious political planning aimed at the management and maintenance of public squares.

Keywords: public square, environmental perception, urban planning.

Um fator que vem preocupando gestores ambientais, urbanistas e arquitetos, entre outros, é a superação de problemas ambientais gerados pelo acelerado processo de urbanização (Silva & Vargas, 2010). De acordo com Estrada, Coriolano, Santos, Caixeiro, Vargas e Almeida (2014), a implantação e a manutenção de praças públicas arborizadas e de outras áreas verdes, como parques e jardins públicos, é um artifício utilizado para amenizar os problemas ambientais urbanos.

A temática ambiental tem atraído cada vez mais a atenção das pessoas no cenário atual. Cenário que demonstra interesse em um crescimento econômico que muitas vezes não está atrelado à preservação ambiental. Tuan (2012) revela que o interesse por aspectos da natureza está totalmente ligado ao desenvolvimento da complexidade de uma sociedade.

No Brasil, as praças são comumente espaços públicos encontrados na maioria dos municípios, desempenhando papel na melhoria da qualidade de vida ambiental e social (Barros & Virgilio, 2003). Todavia, para Oliveira e Alves (2014), muitos podem afirmar que áreas verdes não foram criadas para beneficiar a vivência da população, mas com o intuito de enriquecer a estética e o embelezamento do local.

Segundo Costa e Colesanti (2011), são empregados muitos conceitos para classificar as áreas verdes. A falta de consenso entre eles pode estar atrelada ao fato de a vegetação ser tratada sob diferentes olhares, seja entre as ciências como Geografia, Agronomia, Arquitetura, Engenharia Florestal, entre outras.

Fernandes, Souza, Pelissari, & Fernandes (2004) consideraram que o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor

as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. Costa e Colesanti (2011) citaram os fatores que podem interferir nessa percepção ambiental, entre os quais podemos citar o valor atribuído a esses lugares, a população em questão e como essa população percebe as condições ambientais e de vida no momento histórico vivenciado.

As áreas verdes das cidades, além de proporcionar a manutenção e conservação da biodiversidade urbana, são importantes principalmente para que ocorra um contato do ser humano com o meio ambiente, e o lugar deve oferecer recursos para que seja frequentado e para que agrade as pessoas que os utilizam. Por isso, o presente trabalho levantou a percepção da população sobre praças públicas, contribuindo para a conservação desses locais e com a gestão ambiental do município. Foi respondida a seguinte pergunta: (I) Qual a percepção dos frequentadores das quatro praças públicas de Nova Luzitânia?

Áreas Verdes Públicas

A definição e a função das áreas verdes urbanas são aspectos que vêm sendo cada vez mais discutidos por diversas áreas do conhecimento, pois segundo Silva e Vargas (2010) existe a preocupação global de amenizar os problemas ambientais causados pelo acelerado processo de urbanização.

As áreas verdes urbanas são utilizadas e classificadas pelos seus frequentadores de formas diferentes com o passar do tempo. Loboda e De Angelis (2005) demonstram que, ao longo da história, esses espaços desempenharam um papel que refletia nos gostos e costumes da sociedade. No Renascimento, por exemplo, eram espaços de alto valor artístico; na Grécia Antiga era um espaço de ensinamentos e discussões filosóficas e hoje representam a defesa do meio ambiente nas cidades diante a degradação e o exíguo espaço que lhes é destinado.

Perry (1981, citado por Griffith & Silva, 1987) definiu áreas verdes como ser ou uma paisagem natural pouco alterada do seu estado original ou uma paisagem quase inteiramente artificial sem grandes evidências de jardins ou árvores. Desta forma, Barros e Virgílio (2003) determinam que a qualificação de áreas verdes não se restringe apenas a parques, bosques e praças, mas também a todos os elementos da cidade que possuem arborização, como, por exemplo, cemitérios, aeroportos, corredores de linha de transmissão de água, esgoto e energia elétrica, e faixas de domínio legal para vias públicas de transporte, entre outros.

A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores reunidos na infraestrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados à questão ambiental. No caso do ambiente, as áreas verdes públicas constituem-se elementos imprescindíveis para o bem estar da população, pois influenciam diretamente a saúde física e mental da população (Loboda & De Angelis, 2005).

Entende-se que, para compreender as áreas verdes, são necessárias a compreensão da história e cultura que influenciam esse fator, da integração efetiva, com estudos já existentes, da universalização entre os conceitos e da importância desses espaços para saúde mental e física da população.

Percepção ambiental: topofilia e topofobia

Fernandes *et al.* (2004) definem percepção ambiental como o “ato do ser humano perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo”. Já Tuan (2012) insere a percepção ambiental na descrição da topofilia, que consiste nos elos afetivos entre os seres humanos e o ambiente físico, e da topofobia, que está relacionada aos sentimentos de aversão e desafeto que uma pessoa ou grupo social têm para com determinados espaços.

Guimarães (2002) admite que a topofilia e topofobia, mesmo sendo sentimentos tão opostos, podem ser identificados em uma única paisagem por uma mesma pessoa ou grupo social. Isso ocorre, pois o fator temporal causa variações nesses sentimentos, que são dependentes de processos de afetividade, memória e dos valores culturais.

Um trabalho feito em Santa Maria, RS (Almeida & Sartori, 2007) constatou que o lixo, vandalismo, a falta de segurança e manutenção e a presença de mendigos foram os principais elementos desencadeadores de topofobia, enquanto a arborização, os monumentos, a interação social, os eventos e a presença de uma área de lazer em meio à cidade foram aspectos que geraram a topofilia nos entrevistados.

Para Villar, Almeida, Lima, Almeida, Souza, & Paula (2008), o entendimento da percepção ambiental e a educação “são armas para proteger o ambiente natural e ajudam a reaproximar o homem da natureza, garantindo um futuro com mais qualidade de vida para todos, já que despertam maior responsabilidade e respeito dos indivíduos em relação ao ambiente em que vivem”. Além disso, Tuan (2012) e Costa e Colesanti (2011) acreditam que, para se resolver problemas ambientais, antes é necessário conhecer os problemas humanos e como as pessoas percebem o ambiente, para que se formem atitudes e valores que minimizem os problemas ambientais.

Outro benefício de se conhecer a percepção ambiental é mencionado por Rodrigues, Malheiros, Fernandes e Darós (2012), que consideram isso um dos instrumentos que a administração municipal pode utilizar no planejamento e gestão de áreas verdes, indicando as lacunas existentes no modelo de gestão ambiental e atendendo os gostos e costumes da população.

Estudos realizados na África (Shackleton & Blair, 2013) e China (Jim & Chen, 2010) mostram que diferentes perfis sociais da população percebem e utilizam os espaços verdes urbanos de maneiras divergentes, ou seja, com expectativas e demandas específicas.

Por fim entende-se que a percepção ambiental de uma sociedade é influenciada por diversos fatores, entre eles o momento histórico e os aspectos ambientais, sociais e econômicos que envolvem essa comunidade. E que os sentimentos topofóbicos e topofílicos são coexistentes, variando de acordo com o tempo e a complexidade de uma sociedade.

Gestão participativa e administração pública

Segundo Predebon e Sousa (2003), a Gestão Participativa surge no seio da administração como uma forma de colocar o colaborador para participar da gestão, das decisões, ou seja, fazer com que se sinta implicado no processo de trabalho e tenha possibilidade de agir sobre esse processo.

Quando os membros de uma organização são valorizados e participam das decisões, eles se sentem impelidos a colaborar para que a empresa ou organização atinja seus objetivos (Marun-Pinto & Costa, 2009).

Para Pateman (1992, citado por Rocha, 2009), “quanto mais os cidadãos participam melhor capacitados eles se tornam para fazê-los”. Ou seja, a partir do momento em que a população participa da gestão pública, mais capacitada ela fica para discutir assuntos de seu interesse e para decidir o que é melhor ou não para os membros da comunidade.

Cardoso, Vasconcellos Sobrinho, & Vasconcellos (2015) inferiram que a governança participativa constitui-se, então, “em um instrumento de desenvolvimento urbano orientada pela conformação do espaço público ampliado e pela participação dos atores na forma de decisão e controle dos interesses sociais”.

Área de Estudo

O município selecionado para o presente estudo é Nova Luzitânia, que localiza no Estado de São Paulo (Figura 1). Atualmente, a cidade possui 3.441 habitantes e 74,056 Km² de área da unidade territorial segundo o IBGE (2013). A pesquisa refere-se às quatro praças existentes no município: Praça da Bíblia (PB), Praça do Esporte (PE), Praça da Liberdade (PL), Praça Matriz (PM).



Figura 1 - Mapa do Brasil com destaque para o município de Nova Luzitânia – SP

Fonte: Google.

Levantamento de Dados

Realizou-se entrevistas com moradores do entorno das praças (considerando um raio de 2 km) e com os frequentadores, para conhecer a percepção ambiental das pessoas sobre determinada praça. As perguntas realizadas procuravam analisar a importância que a praça tem na vida do entrevistado, questionar sobre as melhorias que podem ser feitas naqueles espaços, investigar como o entrevistado classifica e qualifica a praça, quais as perspectivas

para esses locais no futuro, frequência e período de visitação, atividades realizadas nas praças, entre outros.

Foi utilizado um formulário que já foi testado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa (CoEP) da Universidade Nove de Julho sob processo nº 868828. As entrevistas foram realizadas na casa do entrevistado ou nas praças.

Análise das Entrevistas

O trabalho buscou analisar a percepção ambiental a partir de dados obtidos por meio de uma das perguntas presentes no questionário: “Para você como é a praça? Como você descreveria este praça para alguém que nunca visitou?”. Após a análise das respostas foram identificados os elementos presentes na praça que atraem e agradam os entrevistados (as topofilias) e os elementos que afastam e desagradam (as topofobias). Eles serão discutidos nesse ensaio.

Análise dos Resultados

Perfil dos frequentadores

Foi realizado um total de 120 entrevistas em Nova Luzitânia, das quais 30 foram realizadas com moradores ou frequentadores da Praça da Bíblia, 30 da Praça do Esporte, 30 da Praça da Liberdade e 30 da Praça Matriz. O perfil dos entrevistados (Tabela 1) variou de acordo com a praça, mas, no geral, pode-se observar que a maioria pertencia à faixa etária dos 31 aos 50 anos, possuía Ensino Médio Completo e que frequentavam a praça de uma a três vezes por semana no período da tarde ou noite.

VARIÁVEIS	BÍBLIA N=30		ESPORTE N=30		LIBERDADE N=30		MATRIZ N=30	
FAIXA ETÁRIA								
18 a 30 anos	12	40,00%	10	33,33%	7	23,33%	12	40,00%
31 a 50 anos	17	56,67%	15	50,00%	16	53,33%	14	46,67%
51 anos ou mais	1	3,33%	5	16,67%	7	23,33%	4	13,33%
NIVEL DE ESCOLARIDADE								
Ensino Fundamental incompleto	3	10,00%	5	16,67%	4	13,33%	1	3,33%
Ensino Fundamental completo	0	0,00%	1	3,33%	0	0,00%	1	3,33%
Ensino Médio incompleto	2	6,67%	0	0,00%	3	10,00%	0	0,00%
Ensino Médio completo	13	43,33%	14	46,67%	17	56,67%	10	33,33%
Ensino Superior incompleto	1	3,33%	2	6,67%	4	13,33%	4	13,33%
Ensino Superior Completo	11	36,67%	8	26,67%	2	6,67%	14	46,67%
FREQUÊNCIA SEMANAL								
De 1 a 3 vezes	17	57%	23	77%	22	73%	20	67%
Todos os dias	11	37%	5	17%	8	27%	8	27%
Só aos finais de semana	2	7%	2	7%	0	0%	2	7%
Outros	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
PERÍODO FREQUENTADO								
Manhã	5	17%	2	7%	1	3%	3	10%
Tarde	16	53%	13	43%	11	37%	1	3%
Noite	9	30%	6	20%	18	60%	25	83%
Mais de um período	0	0%	2	7%	0	0%	1	3%

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados de cada praça uma das quatro praças de Nova Luzitânia, SP

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Praça da Bíblia, a faixa etária que teve maior participação nas entrevistas foi a de 31 a 50 anos (56,67%), seguida por 18 a 30 anos (40%) e 51 anos ou mais (3,33%). Quanto à escolaridade, a maioria cursou Ensino Médio Completo (43,33%), em segundo lugar o Superior Completo (36,67%), seguido por Ensino Fundamental Incompleto (10%), Médio Incompleto (3,33%) e Superior Incompleto (3,33%). Referente à frequência semanal, 57% vão de uma a três vezes por semana, 37% todos os dias e 7% apenas nos finais de semana. O período mais frequentado é o da tarde (53%), depois o da noite (30%) e por fim de manhã (17%).

Quanto à Praça do Esporte, os resultados foram semelhantes: a maioria dos entrevistados possui de 31 a 50 anos (50%), depois 18 aos 30 anos (33,33%) e 51 anos ou mais (16,67%).

A maioria também cursou Ensino Médio Completo (46,67%), seguida por Superior incompleto (26,67%), Fundamental Incompleto (16,67%), Superior Incompleto (6,67%) e Fundamental Completo (3,33%). A frequência foi parecida com a da Praça da Bíblia, pois 77% vão de uma a três vezes por semana, 17% todos os dias e 7% só aos finais de semana, e a maioria vai no período da tarde (43%), seguida pelo da noite (20%), manhã (7%), e outros 7% frequentam em mais de um período.

Na Praça da Liberdade, a diferença das anteriores foi no período frequentado, pois a maioria vai à noite (60%), a tarde foi representada por 37% e a manhã por 3% e a frequência semanal maior era de uma a três vezes (73%) e todos os dias (27%). Já a faixa etária seguiu o padrão das anteriores: 53,33% têm de 31 a 50 anos, enquanto dos 18 aos 30 e 50 anos ou mais foram representados por 23,33% cada uma. No nível de escolaridade, mais da metade concluiu o Ensino Médio (56,67%), os Ensinos Fundamental Incompleto e Superior Incompleto foram representados por 13,33% cada um, 10% têm o Ensino Médio Incompleto e 6,67%, o Superior Completo.

A Praça Matriz teve um melhor nível de escolaridade comparado com as outras, visto que 46,67% concluiu o Ensino Superior, 33,33% concluíram o Médio, 13,33% possuem Superior Incompleto, 3,33% concluíram o Fundamental e outros 3,33% têm o Fundamental incompleto. A faixa etária seguiu o padrão, com a maioria tendo de 31 a 50 anos (46,67%), 40% têm de 18 a 30 anos e 13,33% têm 51 anos ou mais. A frequência semanal também foi parecida com a das outras praças, uma vez que 67% vão de uma a três vezes, 27% todos os dias e 7% somente aos finais de semana. O período frequentado foi parecido com o da Praça da Liberdade, dado que 60% vão à noite, 10% de manhã, 3% à tarde e 3% em mais de um período.

Percepção ambiental

Na descrição da Praça da Bíblia feita pelos entrevistados notou-se a demonstração de sentimentos topofílicos principalmente relacionados ao monumento da bíblia, que foi considerado um dos cartões postais da praça e um ponto de referência (Quadro 1). Outra questão levantada foi a importância que ela tem para o convívio social dos moradores daquela região e alguns participantes a consideraram um local adequado para conversação e para o convívio de famílias. Também demonstraram sentimentos de aversão ao local, ao citarem os usuários de drogas que frequentam o lugar à noite e a falta de iluminação, que acaba intensificando esse fator, além da falta de zelo dos frequentadores (Quadro 2). O interessante é que, mesmo a praça tendo um minicampo de futebol e uma quadra de malha, a possibilidade da prática esportiva foi muito pouco citada na descrição dos entrevistados; o motivo talvez seja a restrição ao vestiário, a falta de bebedouros e o acesso limitado ao minicampo devido a recentes reformas.

	PRAÇA DA BÍBLIA	PRAÇA DO ESPORTE	PRAÇA DA LIBERDADE	PRAÇA MATRIZ
DESCRIÇÕES TOPOFÍLICAS	<p>“É uma pracinha bacana, comprida, tem canteiro com a bíblia em cima, um minicampo, é próximo à rodoviária, é legal, tem bastante arvores para as pessoas ficarem nas sombras e tem bancos para as pessoas sentarem e descansar.” (E4/PB)</p> <p>“É um lugar legal, com boa área verde, adequado para as crianças brincarem, tem uma bíblia no meio.” (E7/PB)</p> <p>“Lugar agradável com bastante vegetação; tem como cartão postal a bíblia e possui uma quadra esportiva” (E13/PB)</p> <p>“Devido à proximidade da rodoviária, a criação do minicampo e os eventos que tem na praça, ela está sendo mais utilizada.” (E14/PB)</p> <p>Ela tem bastantes árvores, vento, é agradável, tem espaço para as crianças andarem de bicicleta e um campo de futebol.” (E20/PB)</p> <p>“Lugar essencial para a vida, bom para levar os filhos para brincar” (E21/PB)</p>	<p>“Lugar agradável, tranquilo, sem muito trânsito, segue o padrão de praças nesse estilo, bem cuidada.” (E2/PE)</p> <p>“Tem vários equipamentos de ginástica, bancos, quadra de areia, é gostosa, mas tem muita coisa destruída.” (E11/PE)</p> <p>“Pracinha boa tem um campinho de areia, aparelhos de ginástica, bom convívio.” (E25/PE)</p> <p>“Muito interessante, tem quiosque, equipamentos de ginástica e árvores.” (E30/PE)</p> <p>“Um lugar de lazer, onde se encontra um quiosque, equipamentos de ginástica para idosos e uma quadra de areia”. (E4/PE)</p> <p>“Lugar bem gostoso e bacana para quem não tem oportunidade de pagar uma academia.” (E15/PE)</p> <p>“Um lugar legal com quadra de areia e equipamentos para exercícios físicos.” (E19/PE)</p>	<p>“Um lugar família e agradável.” (E4/PL)</p> <p>“Um lugar agradável, bem localizado na cidade, geralmente com muitas crianças brincando e bom para conversar.” (E5/PL)</p> <p>“Um lugar gostoso de passar um bom tempo dá para aproveitar bem.” (E6/PL)</p> <p>“Quando tem tempo pra ir é um lugar bom” (E7/PL)</p> <p>“Uma praça pequena com gramado e coqueiros” (E9/PL)</p> <p>“Uma praça com banco e um palco, mais nada.” (E10/PL)</p> <p>“Praça ampla boa para as crianças brincarem, lugar tranquilo.” (E21/PL)</p> <p>“Tem conforto mesmo sem banheiro, um lugar gostoso para ficar.” (E24/PL)</p> <p>“Jardinagem bonita e bancos, com um espaço no meio.” (E28/PL).</p>	<p>“Bonita, agradável porém pouco arborizada”. (E2/PM)</p> <p>“Muito bonita limpa e bem arejada”. (E1/PM)</p> <p>“Tranquila, limpa, sem mendigos, sem bagunças, uma igreja no meio, arvores bem cuidadas e com banheiro”. (E13/PM)</p> <p>“Praça aconchegante e bem acolhedora”. (E14/PM)</p> <p>“É alegre, bem cuidada, limpa, gramado bem cuidado”. (E15/PM)</p> <p>“Bonita, bem arborizada e bem localizada”. (E16/PM)</p> <p>“Tem jardins, banheiros, calçamento, é agradável”. (E19/PM)</p> <p>“Lugar bonito, espaçosa com bastantes árvores.” (E22/PM)</p> <p>“Um lugar grande, ela é bem distribuída assim bancos no Lugar certo, limpa e bem organizada”. (E25/PM)</p>

Quadro 1 – Descrições toponímicas dos entrevistados de cada praça (continua)

Fonte: Elaborado pelos autores.

	PRAÇA DA BÍBLIA	PRAÇA DO ESPORTE	PRAÇA DA LIBERDADE	PRAÇA MATRIZ
DESCRIÇÕES TOPOFÍLICAS	<p>“Ambiente agradável para ficar, de livre acesso, tem um campo de futebol e uma bíblia.” (E25/PB)</p> <p>“É uma praça agradável para se ficar com as pessoas” (E11/PB)</p> <p>“Lugar acolhedor a que vão muitas famílias, um lugar interessante para a comunidade, porém devem ser feitos alguns ajustes, mas é uma praça bem acolhedora” (E10/PB)</p> <p>“Área pequena, agradável, tem a bíblia, lugar para encontro com amigos”. (E2/PB)</p> <p>“É uma praça simples, é frequentada por muitas famílias, é boa para ficar conversando”. (E16/PB)</p>	<p>“Um lugar bem aconchegante, bem gostoso e com bastante opções para as pessoas se exercitarem.” (E20/PE)</p> <p>“Tem muitos equipamentos de ginástica, tem o quiosque, o pessoal que fala da ginástica que é boa para saúde, tem o campo de areia e dá para caminhar”. (E6/PE)</p> <p>“Um lugar gostoso para caminhada, um lugar para encontrar os amigos, tem estacionamento, tem os pares de ginástica é tranquilo.” (E13/PE)</p> <p>“Espaço amplo com vários equipamentos de ginástica, é gostoso, à noite as famílias sentam lá.” (E18/PE)</p>	<p>“A praça tem coqueiros, bancos, o palco e bastantes crianças jogando bola.” (E29/PL)</p> <p>“Uma praça boa, tranquila, sem bagunça”. (E12/PL)</p> <p>“É acolhedora, não tem muita coisa, mas vale a pena, as pequenas coisas são suficiente para curtir a natureza”. (E13/PL)</p> <p>“É um lugar mais ou menos”. (E15/PL)</p> <p>“Praça boa, bonita”. (E21/PL)</p> <p>“Um lugar bom para sentar e conversar”. (E28/PL)</p> <p>“Lugar agradável para crianças brincarem e para conversar com os amigos”. (E1/PL)</p> <p>“É tranquila para bater papo, é ideal para quem vem de fora”. (E14/PL)</p>	<p>“É um ponto de encontro legal. É linda, é muito bonita, ia falar coisas boas”. (E29/PM)</p> <p>“Espaço amplo familiar, segura limpa e aconchegante”. (E6/PM)</p> <p>“Acho uma praça bonita, mas a parte de trás é pouco valorizada, mas é uma praça boa, uma praça gostosa”. (E24/PM)</p> <p>“Ambiente bonito, confortável e bastante frequência do povo.” (E30/PM)</p> <p>“Bem acolhedora para pessoas de fora, onde as pessoas se reúnem com a família”. (E10/PM)</p>

Quadro 1 – Descrições topofílicas dos entrevistados de cada praça (conclusão)

Fonte: Elaborado pelos autores.

	PRAÇA DA BÍBLIA	PRAÇA DO ESPORTE	PRAÇA DA LIBERDADE	PRAÇA MATRIZ
DESCRIÇÕES TOPOFÓBICAS	<p>“Lugar pequeno, confortável, de dia é um ótimo local para ir, à noite em alguns pontos fica escuro e acho meio perigoso.” (E1/PB)</p> <p>“Pequena e pouco frequentada, as pessoas que frequentam não zelam por ela.” (E27/PB)</p> <p>“Ambiente agradável tem um minicampo, é legal de ficarem conversando porém faltam algumas adequações” (E19/PB)</p>	<p>“No passado foi um lugar agradável, com bebedouros, muitos frequentadores, mas devido à depredação se tornou um lugar vazio e pouco utilizado.” (E7/PE)</p> <p>“Lugar bem bagunçado, molecada quebra tudo, era pra estar bonita, mas é bem relaxada.” (E26/PE)</p> <p>“Muito bonita falta organização e limpeza” (E27/PE)</p> <p>“Um lugar bom, porém largado”. (E3/PE)</p> <p>“Um local de fácil acesso, porém em alguns horários é frequentada por usuários de drogas” (E5/PE)</p> <p>Tem vários equipamentos de ginástica, é um pouco suja, fica de frente para uma lanchonete, tem algumas árvores, mas tem pouca sombra. (E3/PE)</p> <p>“Um lugar muito bonito e gostoso porém hoje em dia nem sempre da pra passear por conta da falta de educação das crianças.” (E12/PE)</p>	<p>“Um local bom para diversão, porém vandalizado.” (E3/PL)</p> <p>“Uma pracinha pouco utilizada; se fizesse casa no lugar seria mais vantagem” (E11/PL)</p> <p>“Um lugar bom, mas precisa de ajustes”. (E8/PL)</p>	<p>“É um ponto de encontro legal onde a galera da cidade se reúne, mas não tem muito design.” (E11/PM)</p> <p>“É o ponto central da cidade que, mesmo tendo muito verde, poderia ter mais; tem uma igreja no meio que em minha opinião é um ponto problemático.” (E8/PM)</p> <p>“Local com área verde muito boa, muitos bancos, porém com a região de trás mal iluminada”. (E5/PM)</p> <p>“É uma praça gostosa para fazer caminhada principalmente à noite, tem o problema da iluminação, acho que o pessoal cuida mais da frente, de qualquer forma é uma praça gostosa”. (E28/PM)</p> <p>“Tá mais ou menos, mas faltam coisas pra ficar mais bonita, mais flor, mais árvores, o gramado precisa ser cuidado”. (E20/PM)</p>

Quadro 2 – Descrições topofóbicas dos entrevistados de cada praça

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Praça do Esporte, a academia ao ar livre foi considerada a principal atração, além do convívio social. Os entrevistados citaram a importância das práticas esportivas na vida das pessoas, deixando clara a topofilia que sentem pelo local. Por outro lado, a falta de manutenção, de limpeza, de consciência dos frequentadores e os usuários de drogas são os principais fatores causadores da topofobia. Como é a única praça que possui uma academia ao ar livre, a maioria dos entrevistados deveria considerá-la importante nesse aspecto, porém isso não ocorre devido a motivos que foram citados nas entrevistas, entre eles, a falta de bebedouros, banheiros, manutenção, lixeiras, conforto ambiental, entre outros. Notou-se que a Praça do Esporte teoricamente cumpre o seu papel, pois a maioria dos entrevistados se sentiu atraído pela academia ao ar livre, porém são necessárias adequações para que os elementos topofóbicos sejam eliminados e a praça atenda apropriadamente os frequentadores.

Na Praça da Liberdade, os sentimentos topofílicos foram presentes na maioria das descrições e estiveram relacionados com a tranquilidade do local e com a presença de crianças brincando no espaço. O convívio social foi o outro aspecto lembrado pelos respondentes, que consideram a praça importante para encontro com amigos e interação entre os moradores do bairro. Foi a praça em que menos se encontrou frequentadores e as entrevistas foram feitas na maioria das vezes na residência dos moradores do entorno. Ninguém a apontou como um local adequado para atividades físicas, provavelmente devido ao espaço restrito de apenas 1784 m² e à escassez de área sombreada no local. As maiores críticas ao local foram a inutilidade do palco existente, a falta de diversidade botânica, ausência de banheiro e de frequentadores e a ausência de festividades no local.

A Praça Matriz é considerada o principal ponto de encontro da cidade, pois, além de sua localização no centro da cidade, existem lanchonetes, trailers e bares ao redor da praça e o templo matriz da igreja católica, que fica posicionado no centro da praça. Com isso os

entrevistados demonstraram sentimentos topofílicos relacionados à prática religiosa, o espaço amplo, a beleza, limpeza do local, entre outros. Alguns respondentes consideraram a praça o local mais adequado para visitação de moradores de outras cidades. O fator que gera topofobia   a falta de ilumina o em uma das regiões da praça (a que fica atrás da igreja), inclusive alguns entrevistados consideraram que a posi o central da igreja acaba segregando a praça em duas regiões, pois a parte que abriga a região frontal do templo religioso   mais zelada e mais valorizada do que a parte que fica atrás, tanto pelos frequentadores quanto os gestores do local.

Considera es Finais

Ao analisar a percep o dos entrevistados de maneira geral, percebe-se que a topofobia está intrínseca na falta de conserva o, na degrada o e na m  utiliza o das praças públicas, enquanto que a topofilia está relacionada com a biodiversidade, o conforto ambiental, a segurança, possibilidade de intera o social e de práticas esportivas que as praças proporcionam para a comunidade. Além disso, os entrevistados revelaram a simbologia de centralidade e do espírito comunitário que as praças representam em suas vidas. Estes resultados mostram que a percep o ambiental não variou muito entre os entrevistados, mesmo com cada praça tendo sua particularidade, pois os elementos desencadeadores de topofilia e topofobia foram semelhantes.

A extin o dos elementos topofóbicos pode ser facilmente resolvida por meio de uma elabora o de política séria de planejamento, que vise ao gerenciamento e   manuten o das praças públicas. Assim, as praças se tornarão um ambiente ajustado e preparado para manter e atrair cada vez mais frequentadores, além de estimulá-los a cuidar cada vez mais desses espaços.

Referências

- Almeida, A. P., & Sartori, M. D. G. B. (2007). A percepção da paisagem urbana de Santa Maria – RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores. *Ciência e Natura*, 30(2), 107-26.
- Barros, M. V. F., & Virgilio, H. (2003). Praças: espaços verdes na cidade de Londrina. *Geografia*, 12(1), 533-44.
- Cardoso, S. L. C., Vasconcellos Sobrinho, M. V., & Vasconcellos, A. M. A. (2015). Gestão ambiental de parques urbanos: o caso do parque ecológico do município de Belém Gunnar Vingren. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 7(1), 74-90.
- Costa, R. G. S., & Colesanti, M. M. (2011). A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, 22.
- Estrada, M. A., Coriolano, R. E., Santos, N. T., Caixeiro, L. R., Vargas, A. B., & Almeida, F. S. (2014). Influência de áreas verdes urbanas sobre a mirmecofauna. *Floresta e Ambiente*, 21(2), 162-169.
- Fernandes, R. S., Souza, V. D., Pelissari, V. B., & Fernandes, S. T. (2004). Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. *Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade*, 2, 1-15.
- Griffith, J. J., & Silva, S. D. (1987). Mitos e métodos no planejamento de sistemas de áreas verdes. *Encontro nacional sobre arborização urbana*, 2, 34-42.
- Guimarães, S. T. de L (2002). Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. *Geosul*, 17(33), 117-42.

- Jim, C. Y., & Chen, W. Y. (2010). External effects of neighborhood parks and landscape elements on high-rise residential value. *Land Use Policy*, 27, 662-70.
- Loboda, C. R., & De Angelis, B. L. D. (2005). Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência*, 1(1), 125-139.
- Marun-Pinto, M. L.; Costa, M. B. da S. (2009). Gestão participativa: a trajetória no Brasil. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 3(1), 36-46.
- Oliveira, M. M., & Alves, W. S. (2014). A influência da vegetação no clima urbano de cidades pequenas: um estudo sobre as praças públicas de Iporá-GO. *Revista Territorial*, 2(2), 61-77.
- Predebon, E. A., & Sousa, P. D. B. de. (2003). As organizações, o indivíduo e a gestão participativa. *Anais do Seminário Ciências Sociais Aplicadas na Era dos Serviços*, Cascavel, PR, Brasil, 2.
- Rocha, R. (2009). A gestão descentralizada e participativa das políticas públicas no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, 6(11).
- Rodrigues, M. L., Malheiros, T. F., Fernandes, V., & Darós, T. D. (2012). A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais. *Saúde e Sociedade*, 21(supl. 3), 96-110.
- Silva, C. F. R., & Vargas, M. A. M. (2010). Sustentabilidade urbana: raízes, conceitos e representações. *Scientia Plena*, 6(3).
- Shackleton, C. M., & Blair, A. (2013). Perceptions and use of public green spaces is influenced by its relative abundance in two small towns in South Africa. *Landscape and Urban Planning*, 113, 104-12.
- Tuan, Y. F. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Eduel.

Villar, L. M., Almeida, A. J. D., Lima, M. C. A. D., Almeida, J. L. V. D., Souza, L. F. B. D.,
& Paula, V. S. D. (2008). A percepção ambiental entre os habitantes da região
noroeste do estado do Rio de Janeiro. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*,
12(2), 285-90.